

A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA LITERATURA OITOCENTISTA BRASILEIRA À LUZ DO PÓS-COLONIALISMO

Juliana Fillies Testa Muñoz
Universität zu Köln

Abstract: The colonization of the American Continent had innumerable consequences to the development of the global capitalist system we have today. The racial ranking/classification was one of them. During the colonial period, the Whites established themselves as the model of culture and civilization, while different cultures were rejected. In order to legitimize the colonization and the slavery system, the colonizer fabricated the image of the Indian and the Negro as inferior. According to the postcolonial theory, the literary productions were an important ally in the construction process of the Other. Starting from this proposition, we intend, with this paper, to present and analyze the representations of the Negro in the Brazilian literature of the nineteenth century.

Keywords: Racial stereotypes; Brazilian Literature of the nineteenth century; Postcolonial theory.

Resumo: A colonização do continente americano teve inúmeras consequências para o desenvolvimento do atual sistema capitalista global. A hierarquização racial foi uma delas. Durante o período colonial, o branco se firmou como exemplo de cultura e civilização enquanto culturas divergentes foram rechaçadas. A fim de legitimar a colonização e o sistema escravagista, o colonizador fabricou a imagem do índio e do negro como inferior. Segundo a teoria pós-colonial, as produções literárias foram uma importante aliada no processo de construção do Outro. Partindo dessa premissa, o presente artigo propõe-se expor e analisar as representações do negro na literatura brasileira do século XIX.

Palavras-chave: Estereótipos raciais; Literatura brasileira do século XIX; Teoria pós-colonial.

Introdução: os estudos pós-coloniais

A teoria pós-colonial tem como objetivo estudar as diferentes formas de reconstrução de uma identidade por parte das ex-colônias. Os estudos pós-coloniais se propõem, sobretudo, analisar como as sociedades colonizadas foram manifestando sua

alteridade diante dos colonizadores durante o período colonial até os dias de hoje (ADRIAENSEN 1999: 56). Os escritores pós-colonialistas partem da premissa de que a identidade e a cultura das comunidades conquistadas foram fortemente influenciadas pela imposição e pelo estabelecimento do império europeu nos territórios ocupados. Por essa razão, buscam oferecer resistência aos conceitos identitários formados no período colonial.

Em *Orientalismo* (1978), obra que marcou o início dos estudos pós-coloniais na academia ocidental, Edward Said alega que a colonização europeia de territórios orientais contribuiu de forma determinante para a construção da imagem do Oriente. Segundo o autor, o colonizador europeu, por meio de seu poder material e do conhecimento sobre o colonizado, foi fabricando a imagem do Oriente em oposição à própria imagem. Mediante esse processo de comparação, o Ocidente foi adquirindo força e seu domínio legitimidade. A expansão europeia teve como consequência a divisão do mundo em duas partes opostas – o Ocidente e “o resto”. Se por um lado o Ocidente representou-se a si mesmo como símbolo da modernidade, da civilização e da razão, a imagem atribuída às culturas restantes foi a do atraso, da barbárie e da emoção. Ditas representações do “não ocidental” como o Outro possibilitaram o estabelecimento do regime colonial do Ocidente no Oriente, assim como em outras regiões.

Consequência dessa dualização foi a propagação entre os colonizadores da ideia de que os europeus teriam a obrigação moral e religiosa de levar aos povos “não civilizados” sua cultura e pensamento. Por meio desse discurso humanista, justificaram a colonização, a escravidão e a manutenção do poder nas sociedades conquistadas. A Europa e a cultura ocidental se deslocavam para o centro do mundo moderno enquanto “o resto” foi EXPELIDO PARA AS MARGENS DA CIVILIZAÇÃO (BONNICI 2005: 186; SAID 1990: 15; CÁSTRO-GÓMEZ 2015: 21-26). Cástro-Gómez (2015: 47) nota que

La modernidad y el colonialismo fueron, entonces, fenómenos mutuamente dependientes. No hay modernidad sin colonialismo y no hay colonialismo sin modernidad porque Europa sólo se hace «centro» del sistema-mundo cuando constituyó a sus colonias de ultramar como «periferias».

O mundo como o conhecemos hoje é fruto do colonialismo e da expansão europeia. No entanto, o domínio do europeu sobre o resto do mundo só foi possível porque o colonizador, por meio de seus recursos bélicos e do poder epistêmico, fez com que os povos conquistados acreditassem na suposta superioridade da civilização ocidental. O desenvolvimento da cultura e da identidade nacional em países colonizados foi condicionado por ideias eurocêntricas. Essas impactaram a forma de pensar e de agir do colonizado. Por isso, teóricos pós-colonialistas entendem que é necessário evidenciar os paradigmas que contribuíram para o nascimento e estabelecimento de conceitos identitários em ex-colônias. Destarte, acreditam poder entender e explicar o funcionamento dessas sociedades, assim como do sistema mundial moderno. Com esse fim, dedicam-se a revelar os mecanismos que possibilitaram a formação e a manutenção do Império e a estudar o impacto social, econômico e cultural da colonização nos territórios conquistados. Portanto, ao apontar para o papel da ocupação europeia na construção ideológica das ex-colônias como o “Outro”, o estudo pós-colonial adota uma posição anti-imperialista e anti-eurocêntrica e reflete de forma crítica sobre a presença do discurso ocidental hegemônico nas sociedades e culturas de ex-colônias (ADRIAENSEN 1999: 56-57; BONNICI 2005: 186-189). Ao revelar os desdobramentos da construção da imagem do Outro em sociedades colonizadas, dá-se o primeiro passo a fim de que essa possa ser desconstruída e novos conceitos possam ser criados.

1 O pós-colonialismo e a América Latina

Embora os Estudos Pós-Coloniais tenham origem nos Estados Unidos e até hoje os principais trabalhos¹ provenham das academias norte-americanas, alguns autores latino-americanos já têm se destacado dentro do seu âmbito. Estudiosos como Aníbal Quijano e Walter D. Mignolo criticam que, embora a colonização dos países latino-americanos tenha desempenhado um papel fundamental no desenvolvimento do sistema capitalista e ideológico contemporâneo, os teóricos pós-colonialistas, em sua maioria, continuam centrando suas pesquisas na análise das obras literárias de ex-

¹ Confira os trabalhos de Homi Bhabha, Gayatri Spivak e Edward Said. Também recomenda-se o livro *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures* dos escritores Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin.

colônias britânicas, excluindo a América Latina de seu campo de estudo. Como forma de resistir a essa tendência, os escritores latino-americanos têm salientado as características e a importância dos Estudos Pós-Coloniais na América Latina.

Para Quijano e Wallerstein (1992: 549), o sistema mundial moderno nasceu no decorrer do século XVI quando a América surge como uma construção geossocial. Segundo esses escritores, “there could not have been a capitalist world-economy without the Americas” (QUIJANO;WALLERSTEIN 1992: 549). Quijano (2000: 201-202) ressalta que o desdobramento da globalização que presenciamos nos dias de hoje é consequência de um processo que começou com a colonização do continente americano e com o estabelecimento do capitalismo colonial, moderno e euro-centrado como novo padrão de poder mundial. Também Walter Mignolo (2001: 20-28) afirma que o sistema mundial contemporâneo é fruto do comércio triangular no Atlântico, que mudou para sempre a economia capitalista mundial. O estudioso afirma que é a partir desse momento histórico que novas relações de domínio foram estabelecidas e novas hierarquias sociais foram formadas. A concepção aristotélica de escravidão foi substituída por uma nova, que associou o trabalho escravo a uma raça específica, a negra. Assim, a suposta diferença entre colonizadores e colonizados, articulada mediante o conceito de raça, foi o fator determinante no estabelecimento do domínio colonial. Afirmavam os colonizadores que entre eles e os colonizados existiria uma evidente diferença biológica e intelectual, sendo os negros e índios de natural inferioridade genética e cultural. Nesse sentido, aponta Quijano (2000: 202) que

Esta idea fue asumida por los conquistadores como el principal elemento constitutivo, fundante, de las relaciones de dominación que la conquista imponía. Sobre esa base, en consecuencia, fue clasificada la población de América, y del mundo después, en dicho nuevo patrón de poder.

A representação do colonizado como um ser inferior teve consequências diretas no desenvolvimento das sociedades latino-americanas. Enquanto termos como “espanhol”, “português” ou “africano”, antes da colonização das Américas, remetiam somente à origem geográfica de alguém, esses passaram a ser vinculados ao conceito de raça. Visto que as relações em termos coloniais se expressaram como relações de dominação, tais identidades raciais foram associadas a hierarquias, lugares e papéis sociais que se tornaram caracterizantes para cada grupo étnico dentro das sociedades

coloniais. O trabalho escravo foi atribuído aos negros, índios foram submetidos a várias formas de trabalho forçado enquanto aos brancos competia o trabalho assalariado. Em outras palavras, “raza e identidad racial fueron establecidas como instrumentos de clasificación social básica de la población” (QUIJANO 2000: 202). A ideia de raça ou pureza racial, articulada no século XVI, tornou-se o parâmetro básico de classificação de pessoas em todo o planeta. A imposição de valores eurocêntricos não só possibilitou o colonialismo e a manutenção do escravismo, como redefiniu identidades. Enquanto o branco ia se firmando no cenário internacional como modelo a ser seguido, negros e índios foram marginalizados e desprezados. O colonizado era, na ótica do colonizador, “a patient, living organism to be told, not to be heard” (MIGNOLO 2002: 62).

Essas ideologias sobre as supostas diferenças raciais não perderam força com o passar dos anos, ao contrário, estereótipos negativos sobre grupos marginalizados foram atualizados e reafirmados no decorrer dos séculos seguintes. Um papel determinante na propagação da imagem do negro como um ser inferior foi desempenhado por teorias europeias de cunho racista, como o determinismo, o positivismo e o darwinismo social. Todas essas ideologias pregavam a diferença natural entre as raças. Em uma escala de desenvolvimento genético e intelectual, o negro ocuparia a posição mais baixa, enquanto o branco se encontraria no ápice do progresso humano. De acordo com essas teorias, os países que apresentavam um alto número demográfico de negros e mulatos estariam destinados à barbárie e ao subdesenvolvimento. Diante de um prognóstico tão pessimista, alguns intelectuais brasileiros buscaram uma “solução” para o “problema racial” do país. Embasados na teoria spenceriana do darwinismo social que anunciava a futura sucumbência das “raças inferiores” (não brancas) no confronto com a “superior” (branca), alguns intelectuais incentivaram a mestiçagem como forma de “branqueamento” da população negra no país. De acordo com essa teoria, o sangue negro se diluiria no sangue branco com o passar do tempo (ROMERO 1888: 18-38; SCHWARCZ 1993: 30-60; 2010: 1-5; MÉRIAN 2008: 52-54; SILVA 2004: 2-10; SKIDMORE 1974: 12; VENTURA 1987: 166).

O momento histórico em que essas ideologias surgem é concomitante com o processo mundial de abolição da escravidão. A subjugação do africano não teria mais

base jurídica e o discurso ideológico sobre a inferioridade do negro serve para legitimar a manutenção do afrodescendente na escala inferior da sociedade e justificar o domínio do branco dentro da comunidade. O meio utilizado por vários intelectuais brasileiros a fim de propagar suas ideias foi o da literatura. É no período abolicionista, ou seja, sobretudo a partir da segunda metade do século XIX, que o negro é deslocado para o centro da narrativa ficcional.

A literatura serviu – e serve – como um importante veículo de ideias e como instrumento na formação de identidades. Segundo os autores do livro *The Empire Writes Back* (2002, p. 88), a linguagem representa poder porque constrói uma realidade. Entretanto, Ashcroft et al. (2002: 88) afirmam que

The assumption by the powerless is that words are the signifiers of a pre-given reality, a reality and a truth which is only located at the centre. The colonial ‘mimicry’ is thus a mimicry of the ‘original’, the ‘true’ which exists at the source of power.

Embora o Brasil já não fosse uma colônia portuguesa na metade do século XIX, a literatura oitocentista é um claro manifesto de que nossos intelectuais buscaram nos modelos europeus de civilização e cultura moldes para definir a identidade nacional. Por meio de um processo que Ashcroft et al. denominou *mimetismo*, a elite ex-colonizada, perseguida pelo medo de não alcançar jamais a modernidade europeia, se apropriou de ideias eurocêntricas para definir a própria alteridade. O surgimento, portanto, do personagem negro na ficção oitocentista não foi fortuito, antes ele expressa a ânsia do intelectual brasileiro de definir-se como pertencente ao Ocidente que, como nota Hall (1994: 138), não é uma categoria geográfica, mas sim uma construção histórica.

2 A estereotipização do negro na literatura do século XIX

A representação do negro nas obras do século XIX assume diferentes facetas. Já no início do século, a imagem do afrodescendente surge nos *Suspiros Poéticos e Saudades* (1836) de Gonçalves Magalhães como a do escravo sofredor e melancólico. No poema “As saudades”, Magalhães (1836: 132-135) retrata o padecimento do escravo que, retirado violentamente de sua terra, recorda o passado e condena a ganância do homem. Ainda sob influência do romantismo, o escravo serve como fonte

inspiradora a poetas nacionais para expressar a nostalgia e a saudade. Entre eles, destacou-se Castro Alves que, segundo Gregory Rabassa (1965: 87), foi o poeta que “expressou os temas negros com mais fervor e arte”. Em especial, ilustram o sofrimento do escravo os poemas “Vozes d’África” (1868) e “O navio negreiro”. Para Bosi (1992: 265), esses poemas, ao destacar a desumanidade do sistema escravista, desencadearam a primeira fase da campanha abolicionista no Brasil.

Na prosa, foi a publicação do romance *Uncle Tom’s Cabin* (1852) da escritora americana Harriet Beecher Stowe que desencadeou a produção de romances no Brasil cujo protagonista era negro. A partir do surgimento dessa obra, o escritor abolicionista se sente encorajado a escrever sobre a escravidão e a figura do *escravo nobre* começa a abundar na ficção brasileira (SAYERS 1956: 167). O personagem negro, fiel e submisso, é maltratado pelo senhor carrasco que faz uso de seu poder como proprietário para atormentar a vida de seus cativos.

Representante máxima na categoria *escravo nobre* é a protagonista do romance epônimo *A Escrava Isaura* (1875) do escritor Bernardo Guimarães. A heroína, uma escrava *quase* branca, é perseguida por seu dono que deseja possuí-la e fazer da cativa sua concubina. Também Rosaura, personagem da obra *Rosaura: a enjeitada* (1883) de Guimarães, é uma jovem mulata, escravizada injustamente, que padece sob as arbitrariedades do sistema. Uma variação do *escravo nobre* é a representação do mulato livre e de bom coração que rejeita sua origem e luta para ser aceito na sociedade escravista, mas é rechaçado pela população preconceituosa e antiquada. Nessa categoria se encaixam as personagens Adelaide de *Rosaura: a enjeitada* e, principalmente, Raimundo de *O Mulato* (1881) de Aluisio Azevedo. Em todos os casos, a representação do escravo ou do mulato livre como submisso, fiel, nobre ou melancólico não passa de uma construção romantizada do sujeito afrodescendente que é descrito como passivo e digno de piedade. Como nota Brookshaw (1983: 28), essa romantização do negro mais o desumaniza do que o valoriza. O estereótipo do escravo nobre o imobiliza e o faz carente da bondade do homem branco. Todos esses personagens reafirmam, no fundo, o estereótipo do negro como inferior e salientam a ideia de que somente o branco poderia salvar e orientar o negro. É comum nessas obras a ideia de que é necessária a atuação do homem branco para libertar o negro de seu padecimento. Nas obras de Bernardo Guimarães esse aspecto é tematizado de

forma explícita. Tanto Isaura como Rosaura são libertadas por homens brancos, os heróis Álvaro e Conrado, respectivamente.

Dentro desse mesmo quadro de subalternidade podemos notar a representação do negro como *infantilizado*. Semelhante à descrição do *escravo nobre*, o *negro pueril* é, via de regra, fiel, submisso e se destaca pelo trabalho serviçal que exerce. O *escravo infantil* é, por vezes, um personagem atrapalhado ou travesso que termina desencadeando a tragédia dentro do seio familiar. Esse é o caso, por exemplo, de Pedro, o “moleque capoeira” (ALENCAR s.d.: 10) em *O Demônio Familiar* (1857) de José de Alencar. O escravo quer casar os patrões com parceiros abonados e causa enorme intriga e confusão entre os integrantes da família. O estereótipo do *escravo infantil* também está presente na obra *O Cego* (1845) de Joaquim Manoel Macedo. Aqui, o personagem que define a si mesmo como “o cão fiel que a vossos [de seu senhor] pés vigia” (MACEDO s.d.: 9), é quem possibilita o suicídio do próprio dono. Em *O Cortiço* (1890) de Aluisio de Azevedo é a escrava Bertoleza que representa a figura da negra submissa, inocente e desamparada. Para Proença Filho (2004: 165), foi principalmente com a redução do negro a um ser indefeso e travesso que os escritores oitocentistas buscaram “provar” a inferioridade e a dependência dos afrodescendentes de seus tutores brancos. A ideia de que os negros precisavam ser “preparados” para a liberdade encontrou adeptos na sociedade brasileira do século XIX e chegou inclusive a suscitar a discórdia entre o escritor José de Alencar e o abolicionista Joaquim Nabuco (VENTURA 1987: 56).

Com a aprovação da Lei do Ventre Livre, decretada em 1871, a representação do escravo fiel ou atrapalhado dá espaço a uma nova construção estereotipada do afrodescendente na literatura brasileira. Embora o *escravo nobre* continue presente no teatro, na prosa e na poesia, surge na segunda metade do século a figura literária do negro imoral, traiçoeiro ou vingativo. O personagem que melhor incorpora esse estereótipo literário do afrodescendente é Simão de *As Vítimas Algozes* (1869) de Joaquim Manoel Macedo. O romance retrata as dificuldades e desgraças sofridas por uma bondosa família ao manter o escravo Simão no seio familiar. O cativo, no entanto, é ingrato e cruel porque “a condição de escravo [...] corrompe e perverte o homem” (MACEDO s.d.: 6). Se por um lado Macedo afirma que o negro somente é

cruel porque vive em cativeiro, por outro ele contribui para a estereotipização do negro como um elemento perigoso, capaz de desestabilizar a ordem familiar.

A caracterização do negro como cruel está presente também no conto “Uma história de quilombolas” (1871) de Bernardo Guimarães. Os negros são aqui apresentados como “feiticeiros”, “bandidos”, “assassinos” e “selvagens” (GUIMARÃES 1900: 47, 110, 132). Os quilombolas na trama são os antagonistas dos mulatos branqueados, Anselmo e Florinda, e suas características bárbaras são ressaltadas para contrastar com a cultura e aparência branca dos personagens mulatos. Assim, os habitantes dos quilombos são animalizados pelo narrador que os compara a “macacos” e a “feras” (GUIMARÃES 1900: 61, 110). A mensagem transmitida pelo autor é que somente o contato com a civilização ocidental e a mestiçagem, ou seja, uma mudança na composição genética do negro, seriam capazes de libertar o sujeito afrodescendente de sua natureza selvagem.

Outro estereótipo que abunda nas obras oitocentista onde o afrodescendente figura é a do *negro feio*. Observemos a descrição do personagem Zambi de “Uma história de quilombolas”:

Era o Zambi um negro colossal e vigoroso, cuja figura sinistra e hedionda se reflectia ao clarão do fogo, com as faces retalhadas, beiços vermelhos, e dentes alvos e agudos como os da onça; mas o nariz accentuado e curvo, e a vasta testa inclinada para trás revelava um espirito dotado de muito tino e perspicácia, e de extraordinária energia e resolução (GUIMARÃES 1900: 8).

A figura “sinistra e hedionda”, os “beiços vermelhos” – note-se que o narrador não fala de lábios –, os dentes agudos como os da *onça*, todas essas características contribuem para salientar a natureza animal e selvagem do quilombola. O negro não é somente feio, ele desperta medo. A caracterização pejorativa do sujeito afrodescendente como um ser malfeito é evidente também na obra *A Escrava Isaura*. O narrador caracteriza as escravas da fazenda da seguinte maneira:

Eram de vinte a trinta negras, crioulas e mulatas, com suas tenras crias ao colo ou pelo chão a brincarem em redor delas. Um conversavam, outras cantarolavam para encurtarem as longas horas de seu fastidioso trabalho. Viam-se ali caras de todas as idades, cores e feitios, desde a velha africana, trombuda e macilenta, até à roliça e luzidia crioula, desde a negra brunida como azeviche até à mulata quase branca (GUIMARÃES 1981: 38).

As personagens são descritas de forma gradativa e a fealdade parece estar intimamente vinculada à origem africana. Quanto mais negras, mais feias, quanto menos negras, mais belas, em uma escala que inclui a velha africana trombuda e macilenta, passando pela roliça crioula até a mulata quase branca. Essas representam as personagens Joaquina, Rosa e Isaura, respectivamente.

Símbolo *par excellence* da beleza ideal, a mulata quase branca, é retratada em diversas obras de Bernardo Guimarães. Em *Rosaura: a enjeitada*, o autor salienta a cor da personagem Adelaide “morena, mas de uma matiz [sic] suave e transparente” (GUIMARÃES 2005: 18). Já a Rosaura, o autor atribui uma cor de pele que descreve como “fina e mimosa como a do jambo” (GUIMARÃES 2005: 122). Em “Um conto de quilombolas”, a heroína e musa é a personagem Florinda cujas feições são apresentadas como “quase de pureza caucasiana” (GUIMARÃES 1900: 22). Entre todas as personagens mulatas nas obras de Bernardo Guimarães, a que é apresentada com mais detalhe e rigor é Isaura:

As linhas do perfil desenham-se distintamente entre o ébano da caixa do piano, e as bastas madeixas ainda mais negras do que ele. São tão puras e suaves essas linhas, que fascinam os olhos, enlevam a mente, e paralisam toda análise. A tez é como o marfim do teclado, alva que não deslumbra, embaçada por uma nuance delicada, que não sabereis dizer se é leve palidez ou cor-de-rosa desmaiada. O colo donoso e do mais puro labor sustenta com graça inefável o busto maravilhoso. Os cabelos soltos e fortemente ondulados se despenham caracolando pelos ombros em espessos e luzidios rolos, e como franjas negras escondiam quase completamente o dorso da cadeira, a que se achava recostada. Na frente calma e lisa como mármore polido, a luz do ocaso esbatia um róseo e suave reflexo; (GUIMARÃES 1981: 11).

Uma leitura atenta do excerto acima deixa claro que a intenção do autor ao criar a personagem não foi fazer de Isaura uma representante da massa cativa brasileira no século XIX. Praticamente todas suas características físicas remetem a sua origem branca, enquanto seu passado africano, negro, é negado e silenciado. A apresentação de Isaura como, no fundo, uma personagem branca remete ao desejo de Guimarães de incentivar a mestiçagem entre negros e brancos, através da qual a população negra seria paulatinamente branqueada. Por meio da heroína do romance, o escritor busca demonstrar que a miscigenação era possível, fecunda e que já estava em curso no Brasil. Como Isaura, haviam outras mulatas quase brancas no país que sofriam sob o jugo de um sistema retrógrado que ameaçava o progresso e a civilização da nação brasileira a lutar para conquistar um espaço no “mundo moderno”. Por acreditar na

imprescindibilidade do branqueamento para o futuro do país, Guimarães luta contra o preconceito racial. Em *Rosaura: a enjeitada*, o narrador critica o personagem Belmiro por menosprezar o “encantador morenismo” (GUIMARÃES 2005: 35) de Adelaide. Os romances do século XIX estão repletos de ambivalências. Ao mesmo tempo em que os escritores abolicionistas buscam defender os negros e criticam o preconceito dos brancos, faz-se evidente que os próprios escritores não conseguem dispor plenamente das ideias estereotipadas sobre os negros ao retratá-los em seus romances. Isso explica a contradição nos romances de Guimarães. Se por um lado, o autor idealiza a mulata por sua hibridez, por outro, ele busca suprir ao máximo as características da origem africana e ocultar seu passado negro.

Bernardo Guimarães, no entanto, não é o único escritor oitocentista a afirmar que beleza não combinava com a população negra. Aluisio Azevedo em sua obra *O Mulato* apresenta alguns personagens negros, como as escravas Brígida e Mônica, que contrastam com o belo Raimundo, mulato quase branco que é descrito da seguinte maneira:

Raimundo tinha vinte e seis anos e seria um tipo acabado de brasileiro se não foram os grandes olhos azuis, que puxara do pai. Cabelos muito pretos lustrosos e crespos; tez morena e amulatada, mas fina; dentes claros que reluziam sob a negrura do bigode; estatura alta e elegante; pescoço largo, nariz direito e fronte espaçosa. A parte mais característica da sua fisionomia era os olhos - grandes, ramalhudos, cheios de sombras azuis; pestanas eriçadas e negras, pálpebras de um roxo vaporoso e úmido as sobancelhas, muito desenhadas no rosto, como a nanquim faziam sobressair a frescura da epiderme, que, no lugar da barba raspada lembrava os tons suaves e transparentes de uma aquarela sobre papel de arroz (AZEVEDO 2004: 35).

Dois aspectos podem ser realçados na descrição do herói: em primeiro lugar, a apresentação do mulato como “um tipo acabado de brasileiro”. O autor chama a atenção do público leitor para o fato de que a mestiçagem já havia se tornado uma realidade e negá-la era como negar a própria evidência. O brasileiro era mestiço, era mulato, continuar rechaçando esse fato era um erro da elite branca. Tratar do “problema negro” havia se tornado uma questão de urgência. Em segundo lugar, notamos a tentativa do autor de compensar ou “amenizar” os traços negroides do personagem ressaltando os olhos azuis e salientando a “fineza” e “frescura” da pele, apesar da tez amulatada. É evidente que o autor tinha dificuldade em reconhecer

beleza em traços negroides. O personagem para ser belo tinha que ser predominantemente branco.

Assim, por meio da literatura, consolidou-se o estereótipo do negro feio e da mulata bela na cultura brasileira. No entanto, a beleza não foi a principal característica dessas figuras literárias. O que definiu basicamente todos os personagens mulatos em obras oitocentistas, foi sua sensualidade. Da caracterização como objeto de desejo não escapam nenhuma das heroínas de Guimarães. Enquanto Adelaide, Rosaura, e Florinda se destacam pela voluptuosidade e pelas ondulações de seu corpo (GUIMARÃES 2005: 19, 122, 1900: 47). Isaura é cobiçada pelos personagens masculinos da obra que a “devoram com os olhos” (GUIMARÃES 1981: 23). Nem mesmo Margarida, personagem morena do romance *O Seminarista* (1872) escapa da representação estereotipada da mulher afrodescendente como ser exótico e sensual. Segundo o narrador, Margarida foi feita para “os prazeres do amor [...], os instintos sensuais achavam em sua natureza estímulos de indomável energia” (GUIMARÃES 1976: 117).

No entanto, quem parece personificar a beleza da mulata sensual nas obras brasileiras oitocentistas é a personagem Rita Baiana do romance *O Cortiço*. Segundo o narrador, a mulata era:

[...] a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sestas da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doída, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele [Jerônimo], assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambedidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha daquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de cantáridas que zumbiam em torno da Rita Baiana e espalhavam-se pelo ar numa fosforescência afrodisíaca (AZEVEDO 1997: 48).

O uso de vocábulos da flora e das frutas tropicais remete à intenção do autor de apresentar a mulata como representante absoluta da mulher brasileira. Essa descrição da mulata é, contudo, negativa, pois a reduz a objeto da concupiscência masculina. Os sujeitos afrodescendentes² são coisificados e transformados em possível aquisição.

² Embora a apresentação da mulata sensual tenha sido mais comum do que a do mulato, observamos na caracterização de Raimundo que também ele foi descrito como sensual, tendo atraído a atenção de todas as mulheres em São Luís (AZEVEDO 1997: 84)

Nesses romances, os afrodescendentes não costumam ser apresentados como sujeitos agentes e pensantes, antes eles reagem às situações impostas pela sociedade. Não é insensato pensar que a caracterização do negro como erótico nas obras literárias do século XIX abriu espaço e deu força aos escritores do século XX, como Jorge Amado, que deram continuidade às imagens das “mulatas sensuais” e contribuíram para a consolidação do estereótipo no Brasil. Hoje, em pleno século XXI, não podemos dizer que nossa literatura, nossos meios de comunicação e nossa cultura está livre dos estereótipos construídos no passado sobre a população negra.

Considerações finais

A imagem do negro como “submisso”, “perigoso” ou “sensual” não surgiu na cultura brasileira de forma natural e espontânea. Antes, ela foi construída na literatura por intelectuais que, em um determinado momento histórico, possuíram o poder material e simbólico para representar o negro como Outro. A fabricação da imagem do branco como modelo e do negro como subumano faz parte de um projeto que se firmou, sobretudo, com a colonização das Américas e com a necessidade de legitimar a escravidão no Novo Mundo. No Brasil, em especial, conceitos sobre o negro são criados e reafirmados com o desatar da campanha abolicionista. Os escritores brasileiros, buscando mudanças na estrutura social e política de seu país, marginalizaram o afrodescendente e perpetuaram nas páginas dos livros os estereótipos negativos sobre a população negra.

A teoria pós-colonial busca nas produções literárias do período colonial resposta para a seguinte pergunta: porque a organização social e a hierarquia racial em ex-colônias se manifestam na atualidade dessa e não de outra forma? Embora o Brasil já não fosse colônia portuguesa durante a campanha abolicionista, perduravam a estrutura colonial e as ideias de inferioridade diante do Europeu, características de uma sociedade colonial. A leitura de obras brasileiras oitocentistas à luz do pós-colonialismo nos revela os desdobramentos da construção do negro como Outro e põe em manifesto a verdade sobre os estereótipos raciais: esses são construções produzidas durante séculos pelo homem branco no intuito de garantir os próprios privilégios e consolidar seu poder e domínio diante do “diferente”, “subversivo”, “ameaçador”. Estudar e resistir aos estereótipos raciais construídos no período colonial (e pós-

colonial) são formas, portanto, de repensar e redefinir conceitos raciais e identitários enraizados em nossa sociedade.

TRABALHOS CITADOS

ADRIAENSEN, Brigitte. Postcolonialismo postmoderno en América Latina: la posibilidad de una crítica radicalmente heterogénea. *Romaneske*, Leuven: Vereniging van Leuvense Romanisten, 2de semester, 1999:56-63.

ALENCAR, José Martiniano de. *O demônio familiar*. Uberlândia: BDTeatro (UFU), s.d. Disponível em: <http://www.bdteatro.ufu.br/download.php?pid=TT00922>, Acesso em: 29 set. 2016.

ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. *The Empire writes back: theory and practice in post-colonial literatures*. 2. ed. London: Taylor & Francis Group, 2002.

AZEVEDO, Aluisio. *O mulato*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004. (Série Clássicos da Nossa Língua).

AZEVEDO, Aluisio. *O cortiço*. 30. ed. São Paulo: Ática, 1997. (Série Bom Livro). Texto proveniente de: A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000015.pdf>; Acesso em: 15 dez. 2014.

BONNICI, Thomas. Avanços e ambiguidades do pós-colonialismo no limiar do século 21. *Léguas & Meia*: Revista de literatura e diversidade cultural, Feira de Santana: UEFS, v. 4, n. 3, 2005:186-202.

BOSI, Antônio. *A dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BROOKSHAW, David. *Raça e cor na literatura brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. (Série Novas Perspectivas).

CÁSTRO-GÓMEZ, Santiago. *La poscolonialidad explicada a los niños*. Popayan: Editorial Universidad del Cauca; Instituto Pensar; Universidad Javeriana, 2015.

HALL, Stuart. *Rassismus und kulturelle Identität*. Ausgewählte Schriften. Hamburg: Argument Verlag, 1994.

GUIMARÃES, Bernardo. J. da S. *A escrava Isaura*. 10. ed. São Paulo: Ática, 1981. (Série Bom Livro).

GUIMARÃES, Bernardo. *Rosaura: a enjeitada*. [s.l]: Associação de Acervos Literários; Biblioteca Virtual, 2005. Disponível em: <https://sites.google.com/site/sitedobg/Home/downloads>; Acesso em: 22 ago. 2014.

GUIMARÃES, Bernardo. *O seminarista*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1976 (Série Bom Livro)

GUIMARÃES, Bernardo. Uma história de quilombolas. Em: _____. *Lendas e romances: Uma história de quilombolas. A garganta do inferno. A dansa [sic] dos ossos*. Nova edição. Rio de Janeiro, Paris: H. Garnier, Livreiro editor, 1900. Disponível em: <https://archive.org/details/lendasromances00guimuoft>. Acesso em: 30 out. 2014.

MACEDO, Joaquim M. *O cego*. Belém: NEAD (Unama), s.d. Disponível em: http://www.portugues.seed.pr.gov.br/arquivos/File/leit_online/joaquim_m8.pdf; Acesso em: 29 set. 2016.

MACEDO, Joaquim M. *As vítimas algozes*. [s.l.: s.n.], s. d. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2134. Acesso em: 22 out. 2014.

MAGALHÃES, Domingos. G. *Suspiros poéticos e saudades*. s.l: Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro, 1836. Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/suspiros_poeticos.pdf; Acesso em: 28 set. 2016.

MÉRIAN, Jean Yves. O negro na literatura brasileira versus uma literatura afro-brasileira: mito e literatura. *Navegações*, Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 1, n. 1, mar. 2008: 50-60.

MIGNOLO, Walter. D. The Geopolitics of Knowledge and the Colonial Difference. *The South Atlantic Quarterly*, North Carolina: Duke University Press, 2002: 58-96.

MIGNOLO, Walter. Coloniality at Large The Western Hemisphere in the Colonial Horizon of Modernity. *Centennial Review*, Michigan: MSUPRESS, 2001:19-54.

PROENÇA FILHO, Domício, P. A trajetória do negro na literatura brasileira. *Estudos Avançados*, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004: 161-193.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, E. (Org.) *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2000: 201-246.

QUIJANO, Aníbal; WALLERSTEIN, Immanuel. Americanity as a Concept, or the Americas in the Modern World-System. *International Social Science Journal*, Paris: John Wiley & Sons, v. 134, n. 1, 1992: 549-557.

RABASSA, Gregory. *O negro na ficção brasileira*. Tradução Ana Maria Martins. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.

ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: L. B. Garnier, 1888. t. 1: 1500-1830.

SAID, Edward. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SAYERS, Raymond. *The Negro in Brazilian Literature*. Denver: The Bell Press, 1956.

SCHWARCZ, Lilian M. Gilberto Freyre: adaptação, mestiçagem, trópicos e privacidade em *Novo Mundo nos trópicos. Mal-estar na Cultura*, Rio Grande do Sul: UFRGS, 2010: 1-32.

SCHWARCZ, Lilian M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

SILVA, Luiz Fernando da. O mestiço na construção da identidade cultural latino-americana. As diferenças entre o Brasil e a Argentina. Trabalho apresentado na XI Jornada Multidisciplinar: Corpo e Cultura, 2009, Bauru. Inédito. Disponível em: <http://www.lamericas.org/arquivo/corpoecultura.pdf>; Acesso em: 5 out. 2016

SKIDMORE, Thomas E. *Black into White: Race and Nationality in Brazilian Thought*. New York: Oxford University Press, 1974.

VENTURA, Roberto. *Escritores e mestiços em um País Tropical: literatura, historiografia e ensaísmo no Brasil*. Nürnberg: Wilhelm Fink Verlag, 1987.

Juliana Fillies Testa Muñoz é doutora em Literatura Comparada pela Universidade de Colônia (Alemanha) e pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Possui bacharelado e licenciatura em Letras (Língua portuguesa, espanhola e italiana) pela Universidade de Colônia, é autora do livro *O negro na construção da identidade nacional: auto e heteroimagens no romance abolicionista cubano e brasileiro* e de artigos sobre representações da alteridade, pós-colonialismo, identidade e literatura oitocentista brasileira e cubana. Atua no campo da educação como docente de língua estrangeira.

Artigo recebido em 17/01/2019. Aprovado em 25/01/2019.